



6 PERGUNTAS A:

BOAVENTURA SOUSA SANTOS
Sociólogo

«Sindicalismo abandonou os desempregados»

OS PROTESTOS sociais irão conseguir alterar a política nacional, caso sejam persistentes e se liguem a outros povos europeus, defende um dos mais influentes sociólogos a nível mundial, Boaventura Sousa Santos.

Quais os impactos sociais da austeridade seguida pelo Governo?

Serão desastrosos por três razões: o ponto de partida é já muito difícil, pois somos o Estado social da Europa que menos transferências de dinheiro realiza dos mais ricos para os mais pobres e, como sabemos, desde os resgates aos bancos a situação inverteu-se e as transferências estão a ser dos rendimentos mais baixos para os rendimentos mais altos. O segundo factor é que não há qualquer possibilidade de austeridade dar algum resultado positivo. Só vai piorar a situação. Terceiro, por esta razão, estas medidas terão de ser seguidas por outras. O processo de empobrecimento do país só agora começou.

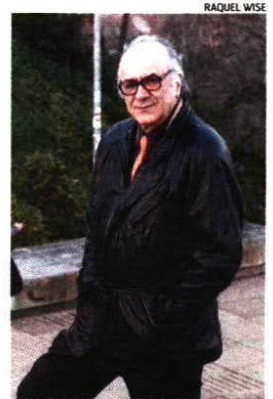
Os protestos sociais que se aviznam podem ter a capacidade de mudar o rumo da política nacional?

Sim, se forem persistentes e massivos. E mais ainda se estiverem articulados com outros movimentos europeus, pois as transformações ou vêm da Europa ou não vêm de lado nenhum. Não temos líderes preparados (sobretudo no PS) para um movimento nacional de desobediência à *troika*, que acarrete sacrifícios, mas traga consigo a esperança de dias melhores.

Espera novas manifestações nos próximos tempos?

Sim. **A que se deve o ressurgimento de movimentos não dinamizados por partidos ou sindicatos?**

A divisão histórica do sindicalismo (entre sindicatos pró-socialistas e sindicatos pró-comunistas) colocou o movimento operário na defensiva muito



RAQUEL WISE

FORÇA
Para o sociólogo, o pior da austeridade ainda está para vir. Por isso, os protestos sociais podem radicalizar-se

antes da Segunda Guerra Mundial. Além de obedecer a lógicas partidárias, privilegiou a acção colectiva institucional: greve, concertação. Acresce que assumiu a defesa dos trabalhadores empregados e abandonou os desempregados ou não-empregáveis. Estes factos mostram a dificuldade actual de se conectar com o movimento dos indignados.

Mas foi anunciada uma greve geral pelas duas centrais sindicais. Esta forma de protesto continua a ter a mesma relevância social de há décadas?

Vai voltar a ter relevância na medida em que se souber articular com os outros movimentos de protesto e não continuar a pensar que a greve é a grande medida de protesto comparada com a qual as outras pouco valem.

Portugal ainda não assistiu a protestos mais 'duros', como a Grécia e Itália, por exemplo. Há essa possibilidade, no futuro?

As medidas só agora estão a chegar aos bolsos dos portugueses e as mais brutais estão para vir. Quando chegarem logo veremos.

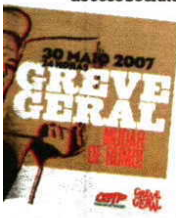


2007	2010	2011
8	10,8	12,1
403	475	485
66,6	92,9	101,1
2,4	1,4	-1,8
2,5	1,4	3,27



30 de Maio de 2007

A revisão do Código Laboral empreendida pelo primeiro Governo de José Sócrates levou à convocação da paralisação pela CGTP.



24 de Novembro de 2010

As medidas de austeridade incluídas no Orçamento do Estado para 2011, entre as quais um corte salarial na Função Pública, levaram a uma reacção quase imediata de protesto sindical. A greve contou com a participação conjunta da UGT e da CGTP, pela segunda vez na história.

24 de Novembro de 2011

Apresentação de medidas adicionais de austeridade levou à convocação da terceira greve geral conjunta da UGT e da CGTP. A suspensão do pagamento dos subsídios de férias e de Natal para funcionários públicos e pensionistas, bem como a extensão dos horários de trabalho no sector privado, foi o que mais pesou na decisão dos sindicatos.

e manifestações

Espaço para movimentos sociais

Há oito meses, as avenidas da Liberdade, em Lisboa, e dos Aliados, no Porto, foram palco de um momento histórico. Pela primeira vez na história, as duas avenidas conseguiram reunir mais de 300 mil pessoas num protesto apolítico e sem intervenção de sindicatos. E a manifestação de 12 de Março, que ficou conhecida como 'Geração à Rasca', foi apenas o início de uma série de protestos que, embora de menor dimensão, mostraram um novo espaço para movimentos sociais. Em Maio, dezenas de jovens acamparam no Rossio em protesto contra as medidas de austeridade e, no mês passado, ocorreu a 'Marcha dos Indignados'. A emergência destes fenómenos tem uma génese internacional. A onda de manifestações em países árabes, os 'acampamentos gigantes' na Praça Tahrir, Egipto, e nas Portas do Sol, Espanha, foram fontes de inspiração.

Morte do grego Alexis foi o início de uma onda de greves

O MUNDO acordou, em Dezembro de 2008, com as imagens de centenas de milhares de gregos a protestarem contra o assassinato, por dois polícias, de Alexandros Grigoropoulos, de 15 anos. O crime sobre Alexis desencadeou a primeira grande onda de violência na Europa após a falência do Lehman Brothers. Um choque entre o Executivo liberal de Karamanlis, um dos principais responsáveis pela crise, e estudantes, anarquistas e altermundistas. Um prenúncio?

Um ano depois, a Grécia mergulhou numa das maiores crises económicas a que a sociedade contemporânea já assistiu. O 'quente' bairro de Exarchia começou a ferver. Desde então, as greves gerais são quase mensais. A última, em Outubro, durou dois dias e os protestos foram tão acesos que os deputados tiveram de abandonar o Parlamento.

A pressão da população levou o primeiro-ministro Papandreou a convocar um referendo ao segundo plano de resgate da *troika* (ver

secção Internacional). Uma decisão que vai ao encontro dos apelos dos movimentos globais dos 'Indignados' e da 'Democracia Já', que apelam a uma maior participação democrática dos cidadãos.

Tais influências chegaram também a Portugal. Bafejado pela Primavera Árabe, o 'Movimento 12 de Março' convocou uma das maiores manifestações de sempre desde o 25 de Abril (ver caixa ao lado). Já no último mês a população saiu em protesto no dia 1 e no dia 15.

Movimentos semelhantes estiveram na origem de manifestações que se estenderam pelo Mundo inteiro. Episódios como o ataque ao carro do britânico príncipe Carlos, a ocupação da praça financeira norte-americana Wall Street e o acampamento nas Portas do Sol, em Madrid, foram beber às experiências das revoluções árabes. O Mundo Ocidental está agitado. Com o possível colapso do sistema 'à vista', as forças sociais tentam alterar (e dominar) o seu rumo.